



LUÍS MIGUEL ROCHA, O DAN BROWN PORTUGUÊS:

“A crítica não serve
para nada. Sou
bestseller do ‘The New
York Times’”

[PÁGS. 8-9]



Alexandre Almeida / Contrasto

VIDAS / Uma mulher à beira de um ataque de nervos com o seu cão [PÁGS. 4-7]

VIAGENS / Moçambique: roteiro de luxo a preços low cost nas Quirimbas [PÁGS. 16-17]

LIVROS / A biografia de Pedro Passos Coelho é um panfleto propagandístico [PÁGS. 10-11]



O autor de "O Último Papa" vai escrever um romance sobre o 11 de Setembro

LUÍS MIGUEL ROCHA / Vai dizer onde está Bin Laden

O primeiro português na lista de bestsellers do "The New York Times" edita este mês mais um thriller passado no Vaticano. **Luís Leal Miranda** falou com o antigo câmara das missas da TVI, um não crente para quem só há uma coisa sagrada: os leitores. E que espera um dia escrever como Saramago

Como é que um autor desconhecido consegue publicar um romance nos EUA?

A minha agente, que é de Barcelona, recebeu as 30 páginas do livro...

Com apenas 30 páginas já tinha um agente?

Eu vi que havia potencial na história e enviei a alguns agentes, cá dentro e lá fora – isto depois de investir numa tradução para inglês. Estava por perto a feira de Frankfurt e estabeleci esse certame como um limite: iria trabalhar com o agente que me trouxesse de lá melhores resultados. E esta senhora volta de lá com 20 negócios feitos. Pensei, "ok está encontrada a minha agente e não se fala mais nisso". Depois a Putnam que é uma chancela da Penguin, acabou por pegar no livro nos EUA.

O que é que essas páginas tinham de tão especial para o fazer avançar com tanta determinação?

Chamem-lhe soberberia ou arrogância, mas eu sempre tive confiança naquilo que escrevo. Quando estudava, as minhas professoras de Português ou História davam-me a nota do teste à qual depois somavam um valor extra pela escrita – o que não era nada justo para os meus colegas, diga-se. Sempre soube que a

minha escrita tinha qualidade e influenciava as pessoas. Tinha e tenho confiança na minha forma de escrever, mas não me comparo a um Saramago, Lobo Antunes ou Philip Roth.

Isso quer dizer que só escreveu mais de 30 páginas quando já tinha agente?

Quando já tinha editor. Vinte editores à espera do livro, para ser exacto.

E isso não o deixou aterrorizado?

Não fiquei nada assustado. Meti mãos à obra e terminei o livro. E fi-lo mais depressa do que qualquer outro livro que já escrevi – e qualquer que jamais escreverei. Foram três semanas até ele estar terminado, a escrever dia e noite, de segunda a domingo sem parar. Mas era uma história que já vinha maturando e ao mesmo tempo estava muito fresca na minha memória.

Tinha algum emprego na altura?

Era tradutor, estava em casa a trabalhar e aproveitei um intervalo nas traduções. Sei que trabalhou numa produtora antes de ser escritor. O que fazia?

Ironicamente, era operador de câmara das missas da TVI. A TVI quando começou não tinha carro de exteriores e contratava um carro para fazer as missas no norte. Calhou eu trabalhar na firma que alugava esse carro. As pessoas não fazem ideia do trabalho que aquilo dá. Domingo de manhã vêem que está a dar

LUÍS MIGUEL ROCHA

DAN BROWN

Pomos à prova as diferenças e as semelhanças dos dois autores de bestsellers

Primeiros anos

O autor português nasceu em Fevereiro de 1976, no Porto. Durante a infância e adolescência era conhecido como "o poeta". É baptizado mas não pratica qualquer religião.

Primeiros anos

Dan Brown nasceu em 1964 numa cidade no New Hampshire. Filho de um professor de matemática e uma música, passou a infância num ambiente profundamente cristão.

Formação

Rocha concluiu o 12º ano no ramo de Humanidades. Viria a trabalhar como técnico numa produtora que se encarregava de filmar as missas da TVI.

Formação

Frequentou a universidade de Amherst e estudar História de Arte na Europa um ano. Tem uma carreira obscura como músico.

Carreira

"O Último Papa" foi o primeiro romance português a entrar na lista de bestsellers do "The New York Times". Está traduzido em várias línguas e já assinou cinco romances. O primeiro foi "Um País Encantado", uma saga histórica que está por completar. Já vendeu mais de 500 mil livros.

Carreira

Escreveu com a mulher o esquecido "187 Men to Avoid: A Guide for the Romantically Frustrated Woman". Lançou-se como escritor de thrillers com "Fortaleza Digital", em 1998, mas só em 2003, com "O Código da Vinci", alcançou sucesso. Já teve quatro livros simultaneamente na lista de bestsellers do "The New York Times".



A Mentira Sagrada de Luís Miguel Rocha (Porto Editora)
Preço: 17,50€
Sai a 4 de Abril

a missa e mudam de canal mas aquilo dava muito trabalho – montar as câmaras, os cabos, muito trabalho.

Quando começou a escrever?

Aos 16 anos estava a ler o "Memorial do Convento" e pensei para mim: consigo fazer isto. Escrevi aquilo que viria a ser uma parte do "País Encantado" e mostrei aos meus amigos que me disseram, "isto não se percebe nada". Pensei, "escrevo tão bem que nem eles percebem".

De que trata "A Mentira Sagrada"?

Falo sobre o Jesus histórico, não aquele que aprendemos na catequese mas aquele que realmente viveu neste planeta. Tem dados novos sobre a sua morte e o papel dos judeus, coisas compiladas pelo departamento de Arqueologia e História da Universidade de Jerusalém.

Apesar de falar em investigações e visitas a bibliotecas, os seus livros aparecem nos escaparates como ficção.

Porque é só isso o que eles são. O que eu quero é entreter as pessoas.

Mas há uma parte de história com H grande?

Todos os escritores têm de ter uma história para contar. Alguns, como o Howard Jacobson ou o Bolaño, fazem obras-primas quase a partir do nada. Até de uma gota de água eles são capazes de espremer um grande romance. Os meus pontos de partida são sempre dados verídicos da História.

E de onde vêm esses dados?

Depois do sucesso dos livros fui conhecendo pessoas que me abriram portas. A todos os níveis: académicos que vieram falar comigo, jornalistas italianos que não podem publicar lá o material senão perdem o emprego, peritos em investigação vaticanista, juizes, etc. Abriu-se-me um mundo, mas só estou à procura de um pressuposto real.

Não anda então a tentar desvendar um grande segredo?

De maneira nenhuma. Mas, por exemplo, "O Último Papa" assustou algumas pessoas porque contem muita verdade nele. Para lhe dar uma ideia: recebi uma chamada de uma jornalista da rádio Vaticano que queria duas cópias do livro para alguém que "via o papa muito regularmente", disse ela. Eu fiz questão de levar duas cópias do livro em português em pessoa. Estivemos um pouco à conversa e perguntei "o que acham no Vaticano do meu livro"? Ela responde "é um livro que toda a gente lê, mas ninguém lê". Ou seja, ninguém admite. Fiquei satisfeito com isso, mas não é o meu objectivo.

Tem contrato para mais três livros. Há material que chegue?

Tenho de agradecer ao Vaticano – e ao Ratzinger, que é um anjo de pessoa – porque de facto há ali muito material. Mas também devo muito a jornalistas que trabalham comigo, jornalistas de topo de investigação.

Quem são eles?

Uma delas é aquilo a que se chama uma Vaticano paparazzi, autora das fotografias ao Papa João Paulo II nas piscinas de Castelo Gandolfo em 1980. Essa e outras jornalistas arranjam-me matéria fantástica – inclusive informações sobre a qual eu nunca vou escrever uma linha.

Porquê?

Quando temos matéria que pode influenciar aquilo que as pessoas pensam sobre um papa tão querido, João Paulo II, estamos a prejudicar-nos a nós.

Os seus livros encaixam na definição "romance histórico"?

Este ultimo não é romance histórico, os outros sim. Também lhes chamam thrillers religiosos mas isso também acho que não. No outro dia em Roma um jornalista perguntava-me "os seus livros são religiosos?", eu disse "Deus me livre". Gosta que o chamem de "Dan Brown português"?

Temos dois estilos diferentes, mas ainda assim acho que a comparação é um elogio. Agora se pudesse escolher é claro que preferia que me comparassem ao Saramago – fizeram-no em Itália e eu é claro que fiquei muito contente. O Dan Brown vendeu 100 milhões de livros e 100 milhões de pessoas não podem estar erradas. Quando alguém consegue números destes há logo gente a tentar denegrir o seu trabalho e se calhar essa comparação pode ser negativa, mas a meu ver não. É essa comparação é má sobretudo porque não atingi os números dele. Ainda.

Leu os livros dele?

Li alguns, mas não é o meu estilo. Dentro do género do thriller gosto do Daniel Silva, thrillers credíveis, bem escritos e personagens que podemos sentir. O Dan Brown é muito rápido e muito bom mas chegámos ao fim e sentimos que andámos ali de puzzle em puzzle.

"Aos 16 anos estava a ler o 'Memorial do Convento' e pensei: eu podia fazer isto"

"Se escrevo algo que prejudica João Paulo II vou estar a prejudicar-me a mim"

"Crítico é só uma palavra bonita para catalogar um malandro"

Quais são os seus heróis literários?

Saramago. Saramago é um génio.

Acha que é ignorado pela crítica?

Eu ignoro a crítica. Não me interessam nada e não servem para nada. Só são boas para o ego e o meu ego não precisa delas, sou eu que o alimento sozinho. Sei que o meu trabalho é bom, sou bestseller do "The New York Times", sou publicado na China e no Japão e sabe que mais? Não é nada que eu não mereça, sei que tenho qualidade para isso. Mas não sente que há alguma desconfiança só pelo facto de vender muito? Não quero ser mauzinho, mas deixe-me cá ver [pausa]. Crítico é só uma palavra bonita para catalogar um malandro. "Ai o que é que tu fazes? Leio livros." Ora isso é o que nós fazemos nos nossos tempos livres se isso é o teu trabalho então é óbvio que nunca vais gostar de nada. Quem é que gosta de tudo o que faz? Ainda por cima obrigado? Para mim o que conta é a opinião dos leitores.

Depois destes três livros sobre o Vaticano o que se vai seguir?

Quero escrever algo que me dê imenso prazer. Se me deixarem, claro.

Mas o que escreve não lhe dá gozo?

Entre os livros como "Um País Encantado" e estes [aponta para o livro do Papa], prefiro esta ficção onde posso brincar com os personagens e vê-los assumir controlo do romance. Nos romances vaticanistas não é bem assim, não tenho tanta liberdade.

É um homem religioso?

Fui baptizado antes de poder dizer alguma coisa, por isso sou católico apostólico romano, sim. Mas penso que a religião é uma perda de tempo – para acreditar no que quer que seja não precisamos de intermediários. No entanto, também não sou ateu e não tenho inimigos em nenhuma religião.

Tem muito contacto com os leitores?

Sou um escritor muito acessível e costumo tirar um, dois dias por semana só para responder aos leitores. Os que me escrevem mais são os da América do Norte. Roménia e Polónia. Para mim o leitor é sagrado.

Tem mais encomendas?

Sim, tenho um livro sobre o 11 de Setembro encomendado, também para sair nos EUA. Vai chamar-se "O Verdadeiro Setembro". Vou pegar em todas as conspirações que existem e colocá-las no livro; vou pegar em todas as contra conspirações e põ-las lá também. Não me interessa contar como foi a realidade, é só um thriller para um grande público. Qual é a base da história?

Uns soldados americanos entram numa gruta no Afeganistão e capturam seis talibãs. Quando os vão interrogar um deles diz que se chama Osama Bin Laden. A partir daí a história vai contar a sua versão da história. Não vou falar tanto do atentado mas mais da parte técnica: como se faz um atentado.